

# 10

## CAPÍTULO

# ESTRATÉGIAS DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO: POLIDEZ E RELAÇÕES DE GÊNERO

Josilene de Jesus Mendonça  
Jaqueline dos Santos Nascimento

## INTRODUÇÃO

A língua portuguesa apresenta diferentes estratégias para indeterminar o sujeito, expressando uma referência indeterminada, utilizadas comumente para reportar discursos hipotéticos ou de senso comum, exemplificar situações gerais que possam ocorrer com qualquer pessoa. Apresentamos,

a seguir, exemplos de algumas dessas estratégias. Em (1), percebemos que a forma pronominal **você** não foi usada para fazer referência ao interlocutor, mas para exemplificar uma situação hipotética que poderia ocorrer com qualquer pessoa. No excerto (1), também há a presença da forma nominal **a pessoa** expressando um sujeito indeterminado, já que a referência é genérica, reportando a uma situação hipotética que pode referir-se a qualquer pessoa do discurso.

(1)

F1: é isso pode contribuir mas se **a pessoa** não souber trabalhar o pequeno (hes) comparação **você** fa- faz um empréstimo o banco <<tá>> lá <<pra>> te oferecer mas por algum problema climático mesmo acontece de **você** não ter aquela safra que **você** teria como é que **você** vai pagar o banco <<né>>? **Você** acaba se endividando cada vez mais... (D.C.<sub>cdt</sub> C.A.<sub>sdt</sub> D F<sub>M</sub> 15)<sup>1</sup>

(2)

F1: outra questão <<né>>? voltada assim a questão dos problemas sociais é a questão da saúde... e **a gente**... vê **a gente** ouve falar muito **a gente** convive muito com isso com a questão da (hes) dos problemas na saúde pública... **a gente** vê também que no particular... ultimamente mesmo principalmente tem sido um problema cada vez mais... (D.C.<sub>cdt</sub> J.S.<sub>sdt</sub> D F<sub>F</sub> 16)

A forma pronominal **a gente**, destacada no exemplo (2), funciona também como estratégia de indeterminação, pois nesses casos, a forma apresenta uma menor especificidade do sujeito, não sendo possível indicar o referente extralinguístico ao qual elas remetem. Em (3) e (4), temos a estratégia ØV3P com valor genérico. No caso das formas destacadas em (3), podemos notar que apresentam-se em uma cadeia discursiva em que a forma **você** foi anteriormente utilizada como recurso de indeterminação do sujeito. Em (4), a forma verbal **colocaram** e as construções com **se** estão indeterminando a referência do sujeito nesse contexto, demonstrando que o falante não se compromete com a informação.

(3)

F2: transporte pra ir pra universidade **você** vai e **vem**... e **paga** por uma coisa que... não satisfaz suas necessidades... suas expectativas... (W.S.<sub>cdt</sub> C.A.<sub>sdt</sub> P M<sub>M</sub> 25)

(4)

F2: aqui foi encontrado ainda não **se sabe** de onde foi que veio...

1 Os dados foram retirados da amostra Redes Sociais de Universitários (ARAUJO; SANTOS; FREITAG, 2014).

é... foi encontrado mais de dois mil... pomadas... unidades de pomadas jogadas... ne um ne uma est- ninguém sabe de onde saiu... ainda não se sabe... o que o que se coloca é que foi de outro município daqui não foi... mas o fato é que foi encontrado e o lote não tava vencido vencia ainda... em dois mil e quinze... eu acho que é uma pomada anestésica pra... dente dor de dente... até colocaram o valor parece que é doze dez ou é doze reais na pomada que foi encontrada... (C.A.<sub>cdt</sub> D.M.<sub>sdt</sub> D M<sub>M</sub> 19)

A forma pronominal **eles** (e suas variantes) é utilizada com valor genérico quando não possui sintagma nominal que possa identificá-la, embora sempre envolva um grupo social implícito ou explícito no contexto (MILANEZ, 1982). Em (5), podemos notar que a forma pronominal **eles** adquire função de indeterminador do sujeito, pois faz referência a um grupo social, mas não há sintagma nominal que possa identificar seu referente; sabemos que o pronome está se referindo aos paulistanos; porém, a referência não é estabelecida por nenhum sintagma nominal dentro da estrutura linguística. O caráter indeterminador desse recurso consiste em atribuir a situação relatada a qualquer pessoa dentro do grupo social referido.

(5)

F2: e... você quando você falou ( ) na questão de São Paulo que **eles** não gostam de nordestino que diz que nor- que nordestino só vão <<pra>> lá <<pra>> tomar o lugar deles na questão do trabalho <<né>>?... e aí quando vai passar alguma reportagem do nordeste passa aquela pessoa banguela... na roça achando no nordeste só tem isso... (W.S.<sub>cdt</sub> A.G.<sub>sdt</sub> D M<sub>F</sub> 28)

Em (6), temos o pronome **eu** utilizado como estratégia de indeterminação do sujeito, pois atribui ao referente um valor hipotético que pode referir-se a qualquer pessoa do discurso. Podemos perceber ainda que o **infinitivo**, assim como a forma verbal de terceira pessoa exemplificada em (3), atribui valor genérico ao sujeito, dentro de uma cadeia discursiva indeterminada. A indeterminação do sujeito é expressa em (7) por meio do pronome **nós**. Nesse caso, esse recurso de indeterminação nos remete a um grupo social, os contemporâneos do falante; assim, o valor genérico da referência deve-se ao fato de o sujeito poder ser qualquer pessoa que faça parte do grupo social referido. Por fim, a forma nominal **o cara** destacada em (8) também atribui valor de indeterminação ao referente, pois refere-se a qualquer indivíduo dentro do grupo social de pessoas com nível superior.

(6)

F2: **dizer** que hoje **tô** morrendo de é... sou um pobre... que não **tenho** um dinheiro pra comprar um pão na na na na padaria... e

amanhã **eu** posso ser se **eu** me esforçar não **dormir** de noite é **passar** o dia todo é varrendo rua porque varrendo rua é um trabalho... é... varrendo rua amanhã **eu** posso ser um grande capitalista... é... que domina o mercado mundial... isso é uma mentira... e a <<emprega>> e a igreja prega isso... ou não prega? (J.S.<sub>cdt</sub> D.S.<sub>sdt</sub> D F<sub>M</sub> 23)

(7)

F2: e antigamente também os remédio tá certo tem uns remédio hoje que... queira ou não queira faz o que... cura o que antigamente não fazia curava né? mas é... é aquela questão também porque você vê olhe... esse pessoal idoso nossos avós mesmo será que hoje a idade **nós** chega a idade deles? pode até chegar agora é difícil né? é difícil... e hoje também eu culpo além da da alimentação que **nós** tem também os remédios é... né muita coisa boa não... (C.A.<sub>cdt</sub> W.S.<sub>sdt</sub> P M<sub>M</sub> 17)

(8)

F2... quem tem nível superior tem digamos assim... é... opções... a mais né... de tentar emprego... existem vários concursos pra nível superior... e o **cara** vai tentando... nessas tentativas acerta né não... (D.S.<sub>cdt</sub> D.M.<sub>sdt</sub> P M<sub>M</sub> 01)

Estudos a respeito das estratégias de indeterminação, tais como, Milanez (1982), Carvalho (2010) e Assunção (2012) constatam uma tendência de o sujeito indeterminado ser expresso por recursos pronominais de indeterminação. Tal tendência corrobora com a preferência por sujeitos pronominais expressos, apontada por Duarte (1993) como uma mudança em progresso no português brasileiro. A inserção de **a gente** e **você** no quadro dos pronomes pessoais resultou em uma redução no paradigma flexional dos verbos e o português brasileiro perdeu o traço [+ pessoa]. Nesse sentido, para manter tal traço, faz-se necessária a expressão do pronome sujeito.

O falante, por meio de estratégias sintáticas e/ou lexicais, pode indeterminar o referente por não conhecê-lo ou por não querer se comprometer com a informação dada, configurando, assim, também como uma estratégia de preservação de face. Neste estudo, consideramos que a indeterminação do sujeito é uma estratégia de polidez, pois o uso dos recursos de indeterminação pode impedir, atenuar ou reparar eventuais ameaças à face do locutor ou interlocutor (BROWN; LEVINSON, 2011[1987]).

Segundo Brown e Levinson, toda atividade verbal é contexto de polidez, podendo esta ser expressa em menor ou maior grau. Isso porque toda interação verbal face a face é intrinsecamente ameaçadora, já que nem

sempre os interlocutores compactuam dos mesmos interesses, ocasionando desequilíbrio entre as faces (BROWN; LEVINSON, 2011[1987]). Considerando que a linguagem é um dos meios pelos quais os papéis sociais são expressos, o sexo/gênero está atrelado à expressão da polidez, já que a relação entre gênero e linguagem está ancorada nas práticas sociais, sendo que tanto a linguagem quanto o gênero são construídos nessas práticas (ECKERT; McCONNELL-GINET, 2010 [1992]). Estudos sobre indeterminação do sujeito no português, como os de Setti (1997), Godoy (1999), Assunção (2012), Santana (2014), Souza & Oliveira (2014), entre outros, têm demonstrado a significância da variável sexo/gênero, com a identificação de recursos característicos de falantes do sexo/gênero feminino, como por exemplo, *a gente*, como mostram também os resultados de Santos e Araujo, neste volume.

A fim de averiguar a correlação entre estratégias de indeterminação do sujeito e o sexo/gênero, analisamos a amostra *Rede Social de Informantes Universitários de Itabaiana/SE* (ARAUJO; SANTOS; FREITAG, 2014), buscando identificar as especificidades de cada recurso por meio do controle das relações de sexo/gênero (simétricas ou assimétricas), bem como do fator pragmático distância social, correlacionando a escolha por diferentes formas de indeterminação às relações de simetria e assimetria de sexo/gênero na interação e à expressão da polidez.

## 10.1 ESTRATÉGIAS DE INDETERMINAÇÃO E A VARIÁVEL SEXO/GÊNERO

Os trabalhos sociolinguísticos a respeito das estratégias de indeterminação do sujeito, embora busquem explicações relacionadas ao gênero para subsidiar a análise da variação entre os diferentes recursos, pautam-se na visão dicotômica do sexo/gênero, evocando no momento da estratificação dos indivíduos a noção biológica de sexo.

Setti (1997), a partir de uma perspectiva variacionista, investiga o uso de estratégias de indeterminação do sujeito nas três capitais do sul do Brasil, utilizando dados do Projeto VARSUL, estratificados em função do sexo. Os resultados da autora demonstram que as formas **a gente** e **eles** são as mais utilizadas pelas mulheres; enquanto os homens tendem a utilizar a forma **você** e construções com **se**. Também utilizando dados do VARSUL, Godoy (1999), analisando a variedade linguística do interior paranaense, conclui que as variantes **nós**, **formas nominais** (a(s) pessoa(s), o(s) cara(s), o pessoal, o sujeito, a turma, o fulano, o indivíduo, o camarada), **se**, **eu** e **ØV3PS** são mais recorrentes na fala dos informantes do sexo masculino.

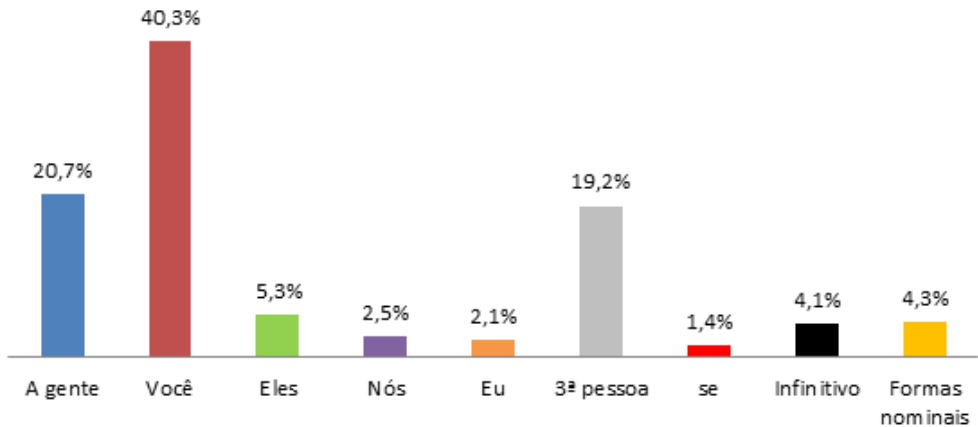
Os estudos de Santana (2014) e Souza & Oliveira (2014) realizados na Bahia, adotando uma perspectiva de sexo/gênero, embora ainda baseado numa visão dicotômica, constatam, de maneira geral; a partir da análise de entrevistas do tipo DID (Diálogo entre Informante e Documentador); que os falantes do sexo/gênero feminino apresentam uma tendência ao uso da expressão **a gente** como estratégia de indeterminação. Os resultados de Assunção (2012), analisando as estratégias de indeterminação na variedade linguística de Feira de Santana, conclui que o pronome **você** apresenta uma tendência a ser utilizado como recurso de indeterminação pelos falantes do sexo/gênero masculino. Santana (2014), comparando o uso dos pronomes **a gente** e **você** como estratégias de indeterminação, chega a resultados semelhantes, concluindo que o uso de **você** como indeterminador é mais favorecido por falantes do sexo/gênero masculino.

Os resultados apresentados a partir de uma visão dicotômica do fator sexo/gênero parecem polarizar o uso das estratégias de indeterminação **a gente** e **você**. A forma **você** associa-se à fala dos homens, enquanto **a gente** tende a ser mais utilizada pelas mulheres como recurso de indeterminação.

Neste trabalho, considerando o gênero como construção social, além de observarmos o sexo/gênero de forma dicotômica, analisamos também relações de simetria e assimetria entre os gêneros nas interações, a fim de observarmos as práticas sociais dos informantes construídas na interação. Assim, por considerarmos que os recursos de indeterminação funcionam como estratégia de polidez, pretendemos traçar o efeito das relações de gênero na escolha das formas indeterminadoras; para que assim, possamos ampliar a visão dos efeitos de gênero na variável linguística.

## 10.2 RESULTADOS

A indeterminação do sujeito envolve situações comunicativas e contextos específicos, trata-se de um fenômeno semântico-pragmático, em que o valor genérico das formas linguísticas só pode ser validado no contexto; por isso, diferentes recursos pode expressá-la. Após a análise da amostra *Rede Social de Informantes Universitários de Itabaiana/SE*, identificamos 3088 ocorrências de indeterminação do sujeito, distribuídas em três grupos de recursos: sintáticos (ØV3P, construções com **se**, **infinitivo**); pronominais (**você**, **a gente**, **eles**, **nós**, **eu**) e nominais (**a pessoa** e **o cara**), sendo que as estratégias pronominais correspondem a 71% dos dados, 25 % dos recursos de indeterminação encontrados são sintáticos e apenas 4% das ocorrências de sujeito indeterminado são representadas por formas nominais de caráter genérico.

**Gráfico 1: Distribuição geral das estratégias de indeterminação do sujeito na amostra analisada.**

O uso do **você** como estratégia de indeterminação do sujeito foi mais frequente no *corpus* analisado, com um percentual de 40,3% (1246 ocorrências), a segunda e a terceira formas mais frequentes foram, respectivamente, **a gente**, com 20,7% (640 ocorrências), e a ØV3P, com 19,2% (593 ocorrências). As demais formas tiveram baixos percentuais de ocorrências com 5,3% (163 ocorrências) a forma **eles** e variantes, com percentual de 4,3% (134 ocorrências) as **forma nominais**, com 4,1% (127 ocorrências) o **infinitivo**, com 2,5% (76 ocorrências) **nós**, com 2,1% (65 ocorrências) **eu** e com o menor percentual as construções com **se** com 1,4% (44 ocorrências). Os trabalhos de Carvalho (2010) e Assunção (2012) demonstram resultados semelhantes, pois as estratégias de indeterminação **a gente** e **você** são as mais utilizadas pelos falantes cultos de Salvador (CARVALHO, 2010) e pelos feirenses (ASSUNÇÃO, 2012).

As estratégias pronominais são as mais utilizadas para indeterminar o sujeito, resultado também encontrado em outros estudos. Nossos resultados demonstram também um uso reduzido das construções com **se**, variante abonada por gramáticas normativas, já que encontramos apenas 44 ocorrências em um total de 3088 contextos de indeterminação do sujeito.

O controle da variável sexo/gênero foi realizado de três formas em nosso estudo: sexo/gênero (masculino – feminino), tipo de relação (simétrica – interação entre informantes do mesmo sexo ou assimétrica – interações entre informantes de sexo diferente) e sexo/gênero dos interactantes (masculino-masculino, masculino-feminino, feminino-feminino e feminino-masculino). Na tabela 1, estão dispostos os resultados obtidos em relação à influência sexo/gênero no uso de estratégias de indeterminação do sujeito.

Tabela 1: Influência da variável sexo/gênero no uso de estratégias de indeterminação do sujeito

Sexo/gênero Estratégias	Masculino		Feminino	
<b>A gente</b>	128/1641	7,8%	512/1447	35,4%
<b>Você</b>	789/1641	48,1%	457/1447	31,6%
<b>Eles</b>	100/1641	6,1%	63/1447	4,4%
<b>Nós</b>	65/1641	4%	11/1447	0,8%
<b>Eu</b>	42/1641	2,6%	23/1447	1,6%
<b>ØV3P</b>	333/1641	20,3%	260/1447	18%
<b>Construção com se</b>	43/1641	2,6%	1/1447	0,1%
<b>Infinitivo</b>	73/1641	4,4%	54/1447	3,7%
<b>Formas nominais</b>	68/1641	4,1%	66/1447	4,6%

Conforme podemos observar na tabela 1, as estratégias de indeterminação mais usadas pelo sexo/gênero masculino são **você** e a **ØV3P** com um percentual de 48,1% e 20,3%, respectivamente. Já o sexo/gênero feminino utiliza o **a gente** 35,4% e **você** 31,6%.

A preferência pelo uso do **você** como estratégia de indeterminação pelo sexo/gênero masculino e do **a gente** pelo sexo/gênero feminino constatada nesse estudo, corrobora com os resultados obtidos por Assunção (2012) e Santana (2014). Ao comparar o uso dos pronomes **a gente** e **você** como estratégia de indeterminação, Santana (2014) conclui que há uma tendência do uso do pronome **você** como estratégia de indeterminação pelos falantes do sexo/gênero masculino, enquanto o pronome **a gente** como indeterminador é mais favorecido por falantes do sexo/gênero feminino.

Interessante observarmos que a variável sexo/gênero também polariza o uso das estratégias de indeterminação **nós** e **a gente**. Das 640 ocorrências da forma **a gente** como recurso de indeterminação, 512 foram utilizadas por falantes do sexo/gênero feminino, o que corresponde a 80%. Já em relação ao uso do pronome **nós**, de um total de 76 casos, 65 correspondiam à fala dos homens, equivalendo a 86% das ocorrências de **nós** como estratégia de indeterminação.

Os resultados nos mostram também que as variantes **eu** e constru-



ções com *se* apresentam maior tendência a serem utilizadas por falantes do sexo/gênero masculino. Das 65 ocorrências do pronome *eu* como recurso de indeterminação, 42 foram utilizadas por homens, correspondendo a 65%. Já no caso das construções com *se*, o efeito do sexo/gênero se mostra mais saliente, pois apenas 1 ocorrência, dos 44 casos de *se* como estratégia de indeterminação encontrados na amostra, foi usada por uma informante do sexo/gênero feminino. Esses resultados corroboram com os apresentados em Godoy (1999), em que a autora conclui que as variantes *nós*, *se* e *eu* tendem a ser utilizadas pelos homens como recursos de indeterminação do sujeito.

Nossos resultados apontam que, embora com poucos pontos percentuais de diferença, as variantes *eles* e *infinitivo* também apresentam maior tendência a serem utilizadas por falantes do sexo/gênero masculino, pois o pronome *eles* e variantes apresenta percentual de 61% de uso pelos homens, ou seja, 100 ocorrências de um total de 163. Do total de 127 casos de *infinitivo* utilizado como recurso de indeterminação, 73 foram usados por falantes do sexo/gênero masculino, equivalendo a 57%. Em relação as **formas nominais**, o fator sexo gênero não se mostrou significativo, pois das 134 ocorrências, 68 foram de falantes do sexo/gênero masculino e 66 foram utilizadas por mulheres, correspondendo a 51% e 49%, respectivamente.

O controle do sexo/gênero através do tipo de relação (simétrica e assimétrica) mostrou os seguintes resultados: nas relações simétricas as formas que mais ocorreram foram: *você* 38,7%, *a gente* e *ØV3P* 21,5% cada. Observamos que, embora os percentuais sejam distintos, essas mesmas estratégias (*você*, *a gente* e *ØV3P*) são as mais utilizadas nas relações assimétricas. Assim, podemos afirmar que o controle do sexo/gênero através do tipo de relação se mostrou pouco significativo em nossa análise, uma vez que a diferença entre o uso das variantes é sutil, como por exemplo, *você*: relações simétricas 38,7%, relações assimétricas 42%; *a gente*: relações simétricas 21,5%, relações assimétricas 20%; o que também ocorre com as outras variantes como podemos observar na tabela 2.

**Tabela 2: Influência do tipo de relação entre os informantes sobre o uso de estratégias de indeterminação do sujeito.**

<b>Tipo de relação</b> <b>Estratégias</b>	<b>Simétrica</b>		<b>Assimétrica</b>	
<b>A gente</b>	328/1525	21,5%	312/1563	20%
<b>Você</b>	590/1525	38,7%	656/1563	42%
<b>Eles</b>	76/1525	5%	87/1563	5,6%
<b>Nós</b>	40/1525	2,6%	36/1563	2,3%
<b>Eu</b>	18/1525	1,2%	47/1563	3%
<b>ØV3P</b>	328/1525	21,5%	265/1563	17%
<b>Construção com se</b>	26/1525	1,7%	18/1563	1,2%
<b>Infinitivo</b>	55/1525	3,6%	72/1563	4,6%
<b>Formas nominais</b>	64/1525	4,2%	70/1563	4,5%

Quanto ao controle da interação em relação ao sexo/gênero dos informantes, tabela 3, observamos que as interações com falantes de sexo/gênero diferentes (masculino-feminino, feminino-masculino) apresentam maior uso das formas **você**, **a gente** e **ØV3P**. Nas interações com informantes do sexo/gênero masculino há uma preferência pelo uso do **você** (46,5%) e da **3ª pessoa** (22,5%). Já nas interações feminino-feminino a preferência é pelo uso do **a gente** (39%), do **você** (28,5%) e da **ØV3P** (20,2%).

A interação feminino-feminino apresenta um comportamento diferenciado em relação à variante **nós**, que não aparece nesse tipo de interação, enquanto o percentual maior dessa estratégia (4,6%) acontece nas interações masculino-masculino, sugerindo a tendência de uso dessa variante pelo sexo/gênero masculino.

Com relação às preferências de estratégias de indeterminação para os tipos de interação entre falantes, de modo geral, são as mesmas (**a gente**, **você** e **ØV3P**), mudando apenas a ordem de preferência e os percentuais.

**Tabela 3: influência da interação entre falantes quanto ao sexo/gênero sobre o uso de estratégias de indeterminação do sujeito**

<b>Interação Estratégias</b>	<b>Masculino - masculino</b>		<b>Masculino - feminino</b>		<b>Feminino - masculino</b>		<b>Feminino - feminino</b>	
<b>A gente</b>	69/862	8%	141/686	20,6%	171/876	19,5%	259/664	39%
<b>Você</b>	401/862	46,5%	243/686	35,4%	413/876	47,1%	189/664	28,5%
<b>Eles</b>	49/862	5,7%	37/686	5,4%	49/876	5,6%	28/664	4,2%
<b>Nós</b>	40/862	4,6%	22/686	3,2%	14/876	1,6%	0/664	0%
<b>Eu</b>	16/862	1,9%	26/686	3,8%	21/876	2,4%	2/664	0,3%
<b>ØV3P</b>	194/862	22,5%	134/686	19,5%	131/876	15%	134/664	20,2%
<b>Construção com se</b>	25/862	2,9%	10/686	1,5%	8/876	0,9%	1/664	0,2%
<b>Infinitivo</b>	34/862	3,9%	38/686	5,5%	34/876	3,9%	21/664	3,2%
<b>Formas nominais</b>	34/862	3,9%	35/686	5,1%	35/876	4%	30/664	4,5%

Nas interações controlou-se a distância social por meio do grau de proximidade dos falantes – se são amigos (próximos) ou desconhecidos (distantes). Os resultados obtidos com o controle desta variável estão dispostos na tabela 4.

**Tabela 4: influência do grau de proximidade entre os falantes no uso de estratégias de indeterminação do sujeito**

<b>Grau de proximidade Estratégias</b>	<b>Próximo</b>		<b>Distante</b>	
<b>A gente</b>	277/1616	17,1%	363/1472	24,7%
<b>Você</b>	662/1616	41%	584/1472	39,7%
<b>Eles</b>	91/1616	5,6%	72/1472	4,9%
<b>Nós</b>	51/1616	3,2%	25/1472	1,7%
<b>Eu</b>	29/1616	1,8%	36/1472	2,4%
<b>ØV3P</b>	349/1616	21,6%	244/1472	16,6%
<b>Construção com se</b>	14/1616	0,9%	30/1472	2%
<b>Infinitivo</b>	70/1616	4,3%	57/1472	3,9%
<b>Formas nominais</b>	73/1616	4,5%	61/1472	4,1%

Os resultados evidenciam que há a preferência pelo uso da forma **você** como estratégia de indeterminação tanto entre os falantes próximos dos interlocutores (41%), quanto entre os falantes distantes (39,7%). Isso ocorre porque **você** apresenta grau de indeterminação completo, sendo a estratégia com referência mais genérica; favorecida em todos os contextos de

indeterminação.

A segunda opção de indeterminação para os falantes próximos dos interlocutores é a ØV3P (21,6%). Já para os falantes distantes dos interlocutores a segunda opção de indeterminação é a forma **a gente** (24,7%).

Em relação ao grau de proximidade dos interactantes, podemos observar que a forma **a gente**, embora com pequena diferença percentual, é mais utilizada nas interações em que os informantes possuem relação distante, com percentual de 57%. Esse resultado corrobora com os apresentados em Santos (2014), em que a autora, analisando a mesma amostra, constatou que a expressão **a gente** é favorecida por relações distantes. A forma **a gente** apresenta sentido mais específico, pois inclui o falante na referência, denotando maior cooperação; assim, podemos correlacionar seu uso em interações distantes a questões de preservação de face, visto que o informe demonstra simpatia e humildade, ao se aproximar da informação dada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As estratégias de indeterminação encontradas na amostra *Rede Social de Informantes Universitários de Itabaiana/SE* foram **a gente**, **você**, **eles**, **nós**, **eu**, **3ª pessoa**, construções com **se**, **infinitivo** e **forma nominais** (a pessoa, o cara), sendo que a forma pronominal **você** foi a mais utilizada, seguida do pronome **a gente**, 1246 e 640 ocorrências, respectivamente. Tal resultado corrobora com os obtidos nos estudos de Carvalho (2010) e Assunção (2012), também realizados na região Nordeste do país.

A partir da análise realizada, observamos uma tendência de polarização em relação ao sexo/gênero: o maior percentual de uso masculino para o **você** (48,1%), e o percentual das interações masculino-masculino também aponta para uma maior ocorrência do **você** (46,5%). Para o feminino, o percentual de ocorrência é maior para o **a gente** (35,4%), e nas interações feminino-feminino o percentual maior também ocorre no **a gente** (39%).

O controle da interação em relação ao sexo/gênero dos informantes reforçou as constatações em relação ao sexo/gênero, isto é, masculino utiliza mais o **você** e o feminino o **a gente**. Já o controle da distância social por meio do grau de proximidade dos falantes aponta para a preferência do uso do **você** em ambas as situações (próximo e distante).

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, A. S.; SANTOS, K. C.; FREITAG, R. M. Redes sociais, variação linguística e polidez: procedimentos de coleta de dados. In: **Metodologia de coleta e manipulação de dados em sociolinguística**. São Paulo: Blucher, 2014.
- ASSUNÇÃO, Janivam da Silva. **A indeterminação do sujeito na variedade linguística de Feira de Santana: um estudo variacionista**. 2012. 117 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2012.
- BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen C. **Politeness: some universals in language usage**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011[1987].
- CARVALHO, Valter de. **Você, a gente et ali a indeterminam o sujeito em Salvador**. 2010. 197 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2010.
- DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia; MOURÃO, Gabriela Costa; SANTOS, Heitor Mendonça. Os sujeitos de 3ª pessoa: Revisitando Duarte 1993. In: DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia [et al.]. **O sujeito em peças de Teatro (1833-1992): estudos diacrônicos**. São Paulo: Parábola, 2012.
- ECKERT, Penelope; MCCONNELL-GINET, Sally. Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder (1992). In: OSTERMANN, Ana. Cristina; FONTANA, Beatriz Fontana. **Linguagem. Gênero. Sexualidade**. Clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 93-108.
- GODOY, Maria Alice Maschio. **A indeterminação do sujeito no interior paranaense: uma abordagem sociolinguística**. 1999. 128 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal do Paraná, Paraná, 1999.
- MILANEZ, Wânia. **Recursos de indeterminação do sujeito**. 1982. 149 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1982.
- SANTANA, Neila Maria Oliveira. Indeterminação do sujeito no português rural do Semiárido baiano. In ALMEIDA, Norma Lúcia Fernandes de; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. **Variação linguística no semiárido baiano**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2014. p. 45-70.
- SANTOS, Kelly Carine dos. **Estratégias de polidez e a variação de nós vs. a gente na fala de discentes da Universidade Federal de Sergipe**. Sergipe, 2014. Dissertação (Mestrado em Letras). Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe.
- SETTI, Adriane Cristina Ribas. **A indeterminação do sujeito nas três capitais do sul do Brasil**. 1997. 116 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Paraná, Paraná, 1998.

SOUZA, Soliane Silva; OLIVEIRA, Josane Moreira de. A variação no uso das estratégias de indeterminação do sujeito no português popular da Matinha-BA. In ALMEIDA, Norma Lúcia Fernandes de; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. **Varição linguística no semiárido baiano**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2014. p. 71-100.